

Esporte

Delas

**Empoderamento, inclusão
e permanência de meninas
e mulheres no esporte**



**4
MÓDULO**

**“RESPEITA AS MINA” NA
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
Como trabalhar a igualdade de
gênero na Educação Física escolar**

LIANA LIMA ROCHA

FUNDAÇÃO DEMÓCRITO ROCHA (FDR)

Presidente

Luciana Dummar

Diretor Administrativo-Financeiro

André Avelino de Azevedo

Gerente-Geral

Marcos Tardin

Gerente Editorial

Lia Leite

Gerente de Marketing e Design

Andrea Araújo

Gerente de Audiovisual

Chico Marinho

Gerente de Projetos

Raymundo Netto

Analistas de Projetos

Aurelino Freitas e Fabrícia Góis

Analista de Contas

Narcez Bessa

UNIVERSIDADE ABERTA DO NORDESTE (UANE)

Gerente Educacional

Prof. Dr. Deglaucy Jorge Teixeira

Coordenadora Pedagógica

Profa. Ms. Jôsy Braga Cavalcante

Coordenadora de Cursos e Secretária Escolar

Esp. Marisa Ferreira

Desenvolvedora Front-End

Isabela Marques

Estagiárias em Mídias e Tecnologias para Educação

Ágata Ribeiro e Rebeca Azevedo

Estagiária em Pedagogia (Secretaria Escolar)

Arielly Ribeiro

Estagiários em Letras

Lucas Gomes Gonçalves

Matheus Coutinho Dias

Wesley Militão Fernandes Mendes

ESPORTE DELAS: EMPODERAMENTO, INCLUSÃO E PERMANÊNCIA DE MENINAS E MULHERES NO ESPORTE

Concepção e Coordenadora Geral

Valéria Xavier

Coordenadora de Conteúdo

Daiany França Saldanha

Coordenadora Editorial

Lia Leite

Revisora

Jessika Sampaio

Projeto Gráfico e Editora de Design

Andrea Araujo

Designer Gráfico

Welton Travassos

Ilustrador

Rafael Limaverde

Analista de Marketing

Henri Dias

Analista de Projetos

Daniele de Andrade

Social Media

Letícia Frota

Este fascículo digital é parte integrante do projeto Esporte Delas: empoderamento, inclusão e permanência de meninas e mulheres no esporte, em decorrência do IV Edital de Projetos Desportivos e Paradesportivos – Incentivo ao Esporte Cearense. Processo no 00009.653430/22.

SUMÁRIO

Apresentação	5
1. Introdução à igualdade de gênero na Educação Física escolar	6
2. Estratégias práticas para promover a igualdade de gênero na educação física escolar	10
3. Estudo de caso: Superando barreiras de gênero em um ambiente de Educação Física escolar ...	14
4. Desafios e soluções para a promoção da igualdade de gênero na Educação Física escolar	18
Referências.....	24
Sobre a autora	26



Apresentação

Este módulo tem como objetivo compartilhar com o público deste curso conhecimentos e ferramentas necessárias para a compreensão e a aplicação de princípios de igualdade de gênero na Educação Física escolar, visando criar um ambiente educacional inclusivo e equitativo. Através de estudos de caso, discussões colaborativas e abordagens educativas, os participantes aprenderão a desafiar as normas de gênero encontradas na Educação Física, promovendo um currículo e métodos pedagógicos que valorizem a diversidade de gênero e incentivem a participação igualitária em todas as formas de atividade física. Este módulo tem como meta cultivar uma cultura de respeito mútuo e empoderamento, abordando a Educação Física como uma ferramenta para o avanço da igualdade de gênero.

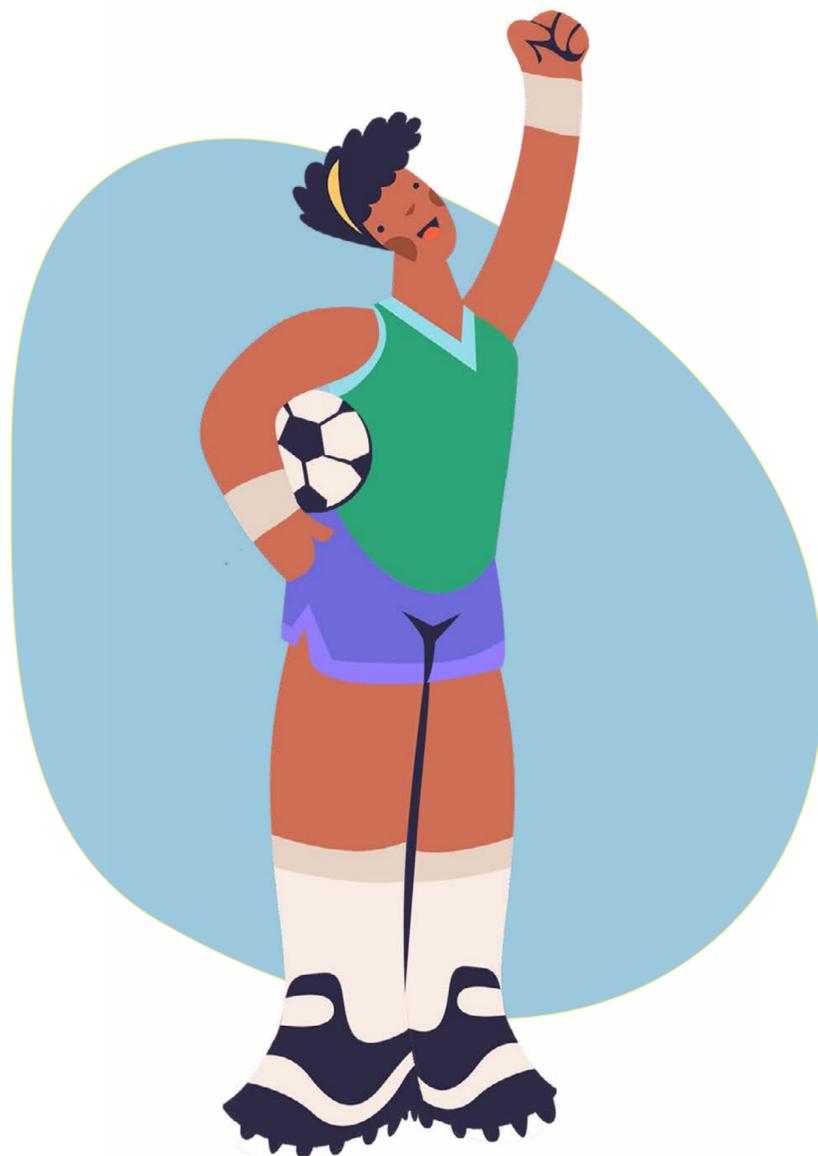


1. Introdução à igualdade de gênero na Educação Física escolar

Como temos visto até aqui, neste curso, vivemos em uma sociedade que, apesar dos avanços, ainda é marcada pelo preconceito e a discriminação de gênero decorrente de um modelo social opressor que regula, normatiza e vigia as pessoas nas suas diversidades de gêneros, raças, classes e nas suas formas de experimentar prazeres e desejos (LOURO, 2007).

São posturas de opressão às mulheres e a outras minorias políticas que refletem o quanto nossa sociedade está longe de ser um local justo e verdadeiramente democrático. Os contextos sociais que nos deparamos com essas problemáticas de preconceito e discriminação são diversos, um desses diz respeito ao universo das práticas corporais, que embora tenha tido alguns avanços ainda é bastante pautado por relações de gênero desiguais impressas de preconceitos e discriminações.

No campo educacional não é diferente, pois o formato padrão das escolas tem, historicamente, silenciado as diferenças com um modelo de educação tradicional, descontextualizado e acrítico. São posturas de exclusão presentes em um currículo conservador, carregado de práticas que privilegiam um determinado tipo de conhecimento em detrimento de outros, tendo como finalidade a formação de corpos dóceis. Um currículo a serviço da manutenção dos mecanismos de alienação e opressão (APPLE, 2008; FOUCAULT, 1986).



A naturalização e o reforço dos preconceitos de gênero são alimentados também por práticas decorrentes de professores(as), seja com comentários e(ou) reforçando determinantes sociais quando, por exemplo, insistem em separar o que são espaços e saberes de meninos e meninas, como destacou Januário e Priori (2013) “A escola reforça características e atitudes consideradas como próprias do gênero feminino e outras próprias do masculino” (p.12).

As demarcações sociais entre o que é considerado apropriado para homens e mulheres se intensificam no universo das práticas corporais. Por exemplo, a maioria dos garotos recebe uma bola de futebol da família, enquanto isso raramente ocorre com as meninas. (AYOUB, 2011).

Infelizmente, a escola ainda apresenta muitos mecanismos que acentuam essa separação, sendo bastante perceptível nas aulas de Educação Física, como apresentado acima. No início do século XIX, o estabelecimento dessas práticas foi definido por perspectivas excludentes, como o positivismo e uma visão exclusivamente biológica. O positivismo, uma abordagem sociológica que justifica as desigualdades sociais pelas diferenças biológicas, naturaliza os fatos sociais e produz certo fatalismo hereditário. Já a visão biologistica conformou um modo de compreender o corpo e o movimento a partir de uma ideia apenas física, negando o corpo nas suas diversas dimensões – social, política, histórica, afetiva etc. (SOARES, 2012).

Nesse sentido, a Educação Física foi usada como uma tentativa de uniformização dos corpos, desconsiderando a formação histórico-social. A lógica baseada em diferenças biológicas condicionou as relações com os

movimentos corporais, por exemplo, direcionando as meninas para as danças e a ginástica e os meninos para o futebol e as práticas de aventura. Infelizmente, ainda são muitos os mecanismos que acentuam essa separação de gênero, sendo a Educação Física um espaço generificado e generificador, não porque seja assim em sua essência, mas porque é uma construção cultural à qual se agregam discursos, valores e práticas que acabam marcando nos corpos representações de feminilidades e masculinidades, que definem, também, posições sociais (FIGUEIRA; GOELLNER, p.7, 2013).

Sendo assim, compete à Educação Física descobrir possibilidades para superação desses determinantes que segregam gêneros. Para isso, deve-se construir e implementar estratégias pedagógicas que permitam às meninas e mulheres se sentirem mais confiantes e superarem as restrições impostas sobre seus corpos e seus movimentos.





2. Estratégias práticas para promover a igualdade de gênero na Educação Física escolar

O reconhecimento das questões de gênero, tanto no cenário macro quanto no micro, da Educação Física, tem impulsionado o desenvolvimento de estudos sobre o tema. Estudos epistemológicos têm sido realizados no campo científico acadêmico, dialogando com as especificidades de cada área da educação, como é o caso da Educação Física. Esses estudos são valiosos para a reflexão sobre as problemáticas de gênero e

podem contribuir para o desenvolvimento de estratégias para superar os mecanismos que intensificam as desigualdades (injustiças) de gênero.

É com base nesses estudos renomados e estabelecidos ao longo dos anos, que compartilhamos algumas estratégias para promover a igualdade de gênero na Educação Física escolar:

- **Estratégia 01 – Compreender a Educação Física de forma ampliada:** A primeira estratégia é a compreensão da professora ou do professor sobre corpo e movimento a partir de uma visão ampliada, inclusiva e renovada, que considere os aspectos físicos, culturais, sociais, políticos, históricos e afetivos. Superando a visão restrita, que é excludente e que percebe o corpo e o movimento apenas pela sua dimensão física, não levando em consideração outros aspectos. De acordo com Altmann (2018), em algumas instituições de ensino, durante muito tempo e, em alguns casos, até hoje, nas aulas de Educação Física, meninas e meninos foram separados, concebendo uma abordagem de aula em que o corpo e o movimento eram compreendidos exclusivamente por teorias fisiológicas que não levavam em consideração a dimensão cultural das/os estudantes. Por exemplo, o discurso que compartilha a ideia de que meninas não têm habilidades para jogar futebol é uma ideia alienada e opressora, pois o fato delas talvez não apresentarem determinados saberes e(ou) capacidades físicas e habilidades motoras encontra-se justamente nas diferenças de acessos ao conhecimentos e experiências impostos entre meninos e meninas desde cedo. É, nesse ponto, por exemplo, que

professoras e professores de Educação Física precisam ter uma visão ampliada sobre a área e seus objetos de estudo, que no caso são o corpo e o movimento. Superando visões restritas e ampliando sua compreensão sobre os corpos e os movimentos.

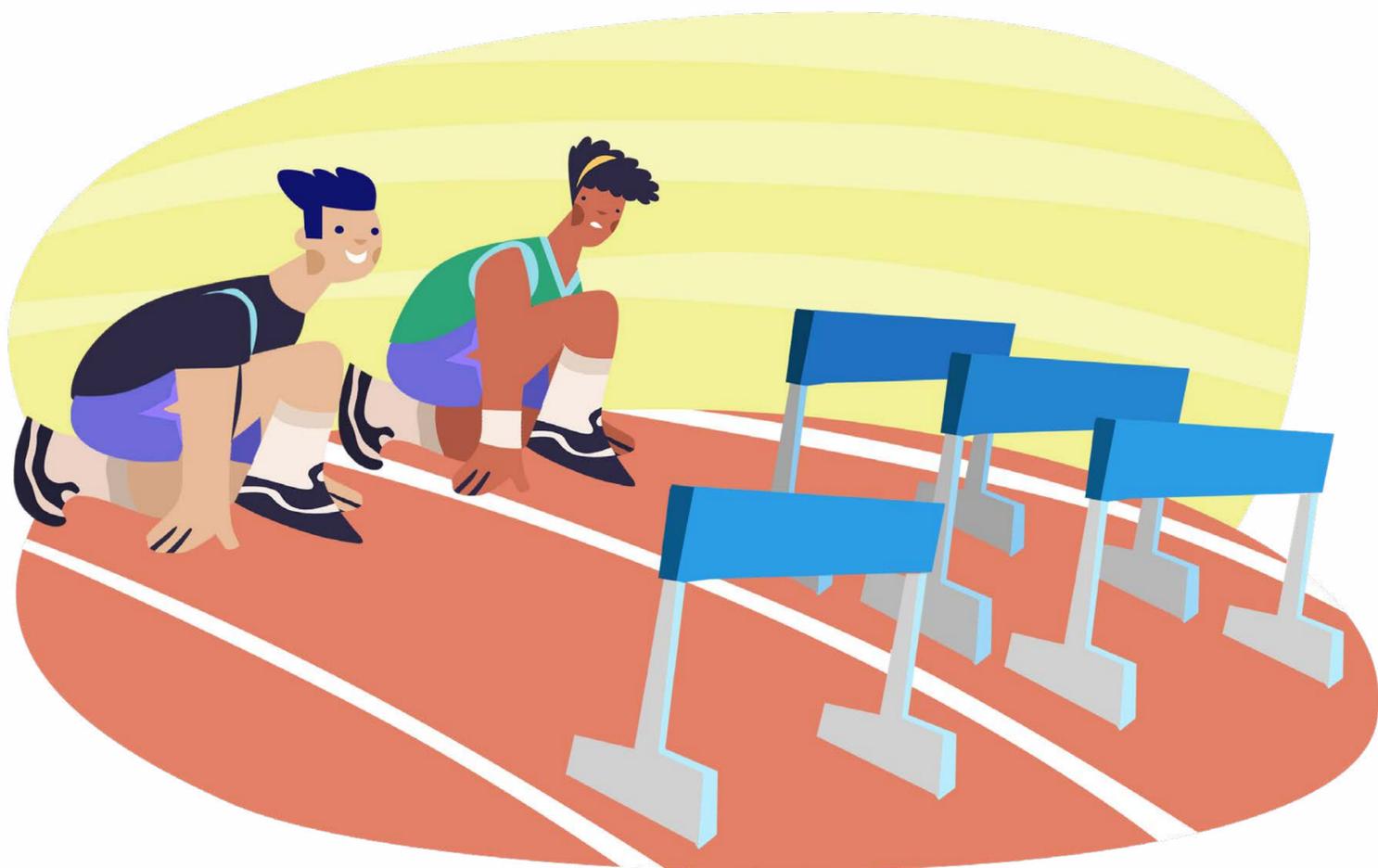
• **Estratégia 02 – Superar o modelo que separa meninas de meninos nas aulas:**

Essa separação configura uma visão restrita, ingênua e reducionista. É importante que a professora e o professor respeite a possibilidade de cada um, independente de ser menino e menina, essa concepção perpassa por uma prática pedagógica inclusiva baseada em uma educação transformadora, nesse sentido cabe à(ao) profissional de Educação Física encontrar caminhos para superação dessas determinantes, adotando posturas e medidas inclusivas que vão desde diálogos problematizadores, acolhedores e emancipados até a partilha de exemplos concretos. É importante estabelecer estratégias pedagógicas de empoderamento feminino, que permitam às estudantes superar as injustas restrições e se sentirem mais confiantes. Para isso, as professoras e os professores podem se orientar com base nas proposições teórico metodológicas que tratam dessa perspectiva inclusiva. Como é o caso da abordagem sistêmica, alicerçada pelos princípios da diversidade, equifinalidade e da inclusão, em que todos as/os estudantes devem participar de todas as atividades da aula, nesse caso, as professoras e os os professores precisam ficar atentos para não usar ações que possam vir a excluir um aluno ou um determinado grupo (SANCHES NETO, 2003).

• **Estratégia 03 – Implementar práticas coeducativas:**

A implementação de um modelo coeducativo vai muito além da ação de “misturar” meninas e meninos nas aulas, importante, mas não suficiente para o término das desigualdades, pois esta condição só ocorrerá quando, além de garantir a convivência entre eles, sejam combatidas a oposição de gêneros, para que isso ocorra é necessário desconstruir estereótipos e combater o preconceito e a violência de gênero. Assim, professoras e professores precisam implementar ações problematizadoras em suas aulas com momentos de reflexão e debate, para que as/os estudantes possam ler criticamente a realidade, identificar os mecanismos de alienação, exclusão e opressão impostos sobre as mulheres. Assim, ambos terão oportunidade de perceber essas problemáticas, se sensibilizar e combater essas ações opressoras e preconceituosas (ROCHA, 2023).

Essas são algumas estratégias que as professoras e os professores de Educação Física podem adotar como orientação para sua prática pedagógica, planejando e implementando em suas aulas, tendo como intenção a promoção da igualdade de gênero por meio da Educação Física escolar. Para a sistematização dessas estratégias dialogamos com alguns estudos importantes sobre o gênero na Educação Física escolar, mas indo também para além desse campo, recorrendo a outras obras importantes sobre a área.



3. Estudo de caso: Superando barreiras de gênero em um ambiente de Educação Física escolar

Embora se constate avanços com relação à promoção da igualdade de gênero na Educação Física escolar, ainda há muito o que avançar. Apesar das macros e micros melhorias, o espaço escolar ainda é carregado de censuras e desigualdades de gênero, configuradas em proibições e silenciamentos dessas problematizações. Não sendo um lugar que incentive essa discussão, apresenta, portanto, poucas mudanças no sentido de superar as desigualdades de gênero.

Em estudo recente, Rocha (2023) constatou a seguinte fala de um professor participante em sua pesquisa colaborativa sobre o ensino do skate na Educação Física escolar e as questões de gênero:

A questão de gênero é bastante polêmica e quase sempre gera certo burburinho quando tratada nas aulas, nem tanto pelos alunos em si, mas, principalmente pelos pais ou responsáveis, afinal o fundamentalismo religioso e o preconceito ainda é muito evidente e parece estar se fortalecendo nos dias atuais (Professor Gui Khury, resposta ao questionário diagnóstico).

Nessa fala, pode ser identificado um dos desafios vivenciados pelas professoras e professores, que ao levar as questões de gênero para debate em suas aulas, percebem um latente preconceito, não por parte das/os estudantes, mas pelo pais ou responsáveis, que ainda carregam ideias conservadoras e opressoras. Diante desse cenário, essas professoras e professores sentem-se acuados para manter o trabalho que exige o desenvolvimento do senso crítico.

A ausência de formação sobre a temática de gênero por parte de professoras e professores é outro desafio para a implementação das questões de gênero nas aulas de Educação Física escolar, pois pode levar a práticas pedagógicas estereotipadas por gênero. Essas informações foram verificadas na pesquisa “Respeita as mina: o ensino do skate na Educação Física escolar” (ROCHA, 2023), na qual podemos observar que:

Já está mais do que na hora de colocarmos essa discussão nas aulas de EFE. Não é um processo simples, as licenciaturas em Educação Física, muitas vezes não abordam essa temática e os vários setores da nossa sociedade ainda seguem um viés conservador machista, racista, sexista. Essa pesquisa assume uma relevância para a área (Professora Letícia Bufoni, diário de campo, 26/06/2021).

Nessa mesma reflexão, é possível identificar outro desafio pautado nesse mesmo contexto, que se refere à carência de produções propositivas sobre as questões de gênero na Educação Física escolar, ou seja, o que se constata é uma escassez de material para ajudar as professoras e os professores na implementação dessa temática nas aulas, como para melhor orientar na superação de posturas opressoras, e os ajudando também na adoção de medidas mais inclusivas em prol da igualdade de gênero (TIMÓTEO, 2019).

Na minha tese, já mencionada acima, intitulada “Respeita as mina: o ensino do skate na Educação Física escolar” (publicada pela Universidade Federal do Ceará), pude investigar a constituição de processos colaborativos entre pares para a elaboração de uma proposta pedagógica libertadora de ensino e aprendizagem do skate para as aulas de Educação Física. De modo a aprofundar a problematização das questões de gênero, construindo estratégias voltadas ao respeito e ao empoderamento das mulheres.

Assim, para o alcance desses objetivos, algumas ações foram implementadas, tais como a realização de uma formação continuada colaborativa com professoras e professores de Educação Física, cuja finalidade foi compartilhar saberes sobre o processo de ensino e aprendizagem do skate na Educação Física escolar voltada ao empoderamento de mulheres. Outra ação implementada foi a construção e publicação de uma proposta pedagógica de ensino e aprendizagem do skate que visa ao empoderamento das mulheres por meio da abordagem de questões de gênero. Essas duas ações foram importantes para buscar superar dois desafios detectados no contexto da Educação Física

escolar: o primeiro é a ausência de espaços formativos de professoras e professores para construção de saberes sobre as questões de gênero e o segundo é a carência de proposições e materiais didáticos.

Com base em meu estudo, compartilho no próximo tópico algumas possibilidades pedagógicas para a promoção da igualdade de gênero na Educação Física escolar. Elas foram encontradas mediante o diálogo com outras(os) autoras(es) e também construídas por mim com a colaboração das professoras e dos professores participantes da formação que implementei nesse processo de elaboração da tese.



4. Desafios e soluções para a promoção da igualdade de gênero na Educação Física escolar

Uma das possibilidades pedagógicas para a promoção da igualdade de gênero na Educação Física escolar se encontra na diversificação de saberes sobre a cultura corporal de movimento para todas, todos e todes. Ou seja, significa que todas as pessoas, independente do gênero, devem acessar os diversos saberes, todos têm o direito de aprender sobre os jogos, as brincadeiras, os esportes, as lutas, as danças, as ginásticas e as práticas corporais de aventura, sem distinção de gênero desde a educação infantil até a última etapa da educação básica que no caso é o ensino médio, todas, todos e todes devem ser incentivados a aprender essas diversidades.

O processo de aprendizagem das diversas práticas corporais possibilita que todas, todos e todes tenham a oportunidade de aprender um pouco de cada manifestação da cultura corporal de movimento, sem necessariamente depender do seu contexto cultural para aprender essas práticas. Dessa forma, podemos superar as condicionantes culturais que acabam por delimitar o acesso aos saberes corporais com base no gênero, pois como já foi mencionado, diante desse contexto é bastante comum que meninos sejam incentivados pelas famílias desde criança a jogarem futebol, por exemplo, enquanto as meninas são incentivadas a brincar de bonecas. Nesse sentido, quando as aulas de Educação Física se estabelecem a partir dessa diversificação do

aprendizado das manifestações da cultura corporal, é quando podemos oportunizar que meninas também possam aprender a jogar futebol.

Outra possibilidade pedagógica que pode ser implementada é a tematização e a problematização das práticas de ensino e aprendizagem do skate. Essa compreensão foi a base para a construção colaborativa da fundamentação da minha tese, que traz uma proposta pedagógica que problematiza as questões de gênero, construindo estratégias voltadas ao respeito e ao empoderamento das mulheres. A chamada temática dessa proposta é: “Respeita a mina: o ensino do skate na Educação Física escolar”. A seguir, compartilho um resumo dessa proposta, não com a intenção de ser um manual, mas para que ela possa subsidiar, orientar e ajudar nas escolhas pedagógicas das professoras e dos professores.

A intenção de construir essa proposta deu-se a partir da compreensão de que o skate, assim como outras práticas corporais, a exemplo do futebol, são estigmatizadas enquanto manifestações prioritariamente masculinas. Diante desse cenário, as mulheres são excluídas e oprimidas de várias formas, sofrendo preconceitos ao andar de skate, não recebendo incentivo para aprender ou se desenvolver no skate (FIGUEIRA; GOELLNER, 2013). Portanto, para a superação dessa condição de opressão é que surgiu a ideia de construir essa tese e essa proposta, que é constituída mediante três blocos temáticos, como podemos ver na imagem abaixo:

APRESENTAÇÃO PROPOSTA RESPEITA AS MINAS SK8 NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Skate e Aspectos sociais	Mulheres no skate	Aprendendo a andar de skate
<ul style="list-style-type: none">• <i>skate</i> uma prática corporal “alternativa”?• Revolucionária- Livre?• <i>skate</i> para todEs• <i>skate</i> é política – a importância dos coletivos sk8.	<ul style="list-style-type: none">• Não se nasce skatista torna-se skatista!• O que você deixou de fazer por ser mulher?• Lugar de mulher é onde ela quiser - Mulheres no sk8.	<ul style="list-style-type: none">• aprender a andar de <i>skate</i>;• a importância do equilíbrio;• descobrindo a base;• aprendendo a remar;• manobras iniciais;• organizando um “rolê de <i>skate</i>”;• como se aventurar em uma pista de <i>skate</i> com segurança;• gestão de risco;• organizando um festival de <i>skate</i>;

Fonte: arquivo pessoal da autora

Os blocos temáticos proporcionam às professoras e aos professores sugestões de temas inspiradores para orientar o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem do skate. Este processo visa problematizar questões de gênero e construir estratégias de empoderamento para as mulheres. Não é necessário trabalhar ou seguir com todos os tópicos, essa proposta busca ser um norte, um ponto de partida. No entanto, é fundamental que as professoras e os professores não negligenciem o ensino inclusivo do skate para todas, todos e todes, abordando de maneira crítica as questões de gênero presentes no contexto do skate e promovendo ações concretas de empoderamento das mulheres.

Dessa forma, uma das possibilidades que partilho aqui é que nas aulas de Educação Física possamos fazer uma reflexão com as/os estudantes parafraseando a escritora, filósofa, intelectual, ativista e professora Simone de Beauvoir, como apresento na citação abaixo:

Não acredito que existam qualidades, valores, modos de vida especificamente femininos: seria admitir a existência de uma natureza feminina, quer dizer, aderir a um mito inventado pelos homens para prender as mulheres na sua condição de oprimidas. Não se trata para a mulher de se afirmar como mulher, mas de tornarem-se seres humanos na sua integridade (BEAUVOIR, S. O Segundo Sexo Vol 2: A Experiência Vivida.1967)

**Não se nasce skatista,
torna-se skatista!!**



Fonte: arquivo pessoal da autora



A ideia de parafrasear esse pensamento surgiu com a compreensão de que todas, todos e todes podem aprender a andar de skate independente do gênero – assim afirmamos: **não se nasce skatista, torna-se skatista**. Essa reflexão é importante para superar os mitos de que mulheres nascem com habilidades para determinadas atividades e homens para outras.

Pensando na compreensão das/os estudantes sobre essa tese podemos usar como exemplo a história da “Fadinha skatista: Rayssa Leal”, mostrando que mesmo tendo o apelido de “Fadinha”, seu aprendizado no skate e suas conquistas não são acontecimentos mágicos, ela não nasceu com um “dom”. Na verdade, Rayssa é uma exceção, pois diferente do que ocorre em muitos contextos, ela teve apoio de sua família e assim pode se desenvolver no esporte e isso é incomum.

Outra possibilidade pedagógica que apresento nessa proposta é organizar uma sessão de ‘Cinema Debate’ usando o filme “Uma skatista radical”. O longa está na categoria infantojuvenil e conta a história de uma garota indiana que deseja aprender a andar de skate, mas acaba sofrendo muitas opressões. A produção cinematográfica tem uma linguagem fácil, possui elementos atrativos para o público de sala de aula e retrata bem uma história sobre preconceito e opressão de gênero no esporte/skate. Essa pode ser uma boa ideia para ser implementada nas aulas de Educação Física escolar. Após a exibição do filme é interessante desenvolver uma reflexão com as/os estudantes para reforçar o pensamento crítico das/os estudantes.



Fonte: Netflix

O ensino das práticas corporais de aventura nas aulas é um caminho interessante, principalmente quando as

meninas compreendem que elas também podem ser corajosas e podem superar seus medos. Isso promove um ambiente em que elas se sentem mais confiantes e fortes, assim como os meninos são educados a serem pessoas fortes e corajosas. Ensinar meninas a prática do skate, uma modalidade considerada radical devido à presença intrínseca de risco e perigo, pode representar uma experiência enriquecedora para fomentar coragem e autoconfiança em seu desenvolvimento.

Ficam aqui algumas opções que podemos incorporar nas aulas de Educação Física com o objetivo claro de promover a igualdade de gênero. Compartilhar essas alternativas visa construir caminhos viáveis para assegurar que todas as pessoas, independentemente do gênero, desfrutem das mesmas oportunidades.

Referências

ALTMANN, H; AYOUB, E; AMARAL, S. C. F. Gênero na prática docente em educação física: “meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar”? **Estudos feministas**, p. 491-501, 2011.

APPLE, M. W. **Currículo, poder e lutas:** com a palavra, os subalternos. Porto Alegre: Artmed, 2008.

AYOUB, E. Reflexões sobre a educação física na educação infantil. **Revista Paulista de Educação física**, São Paulo, supl.4, p.53-60, 2001.

FIGUEIRA, M. L. M; GOELLNER, S. V. Quando você é excluída, você faz o seu: mulheres e skate no Brasil. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP. n. 41,(jul./dez. 2013), p. 239-264, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

JANUÁRIO, M.S; PRIORI, C. Identidade de gênero e orientação sexual na escola: um olhar para as diferenças.

Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE, 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/3eiqmqZ>> Acesso em 09 mai. 2020.

LOURO, G.L. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista/UFMG**, Belo Horizonte, s/v, n.46, p. 201-218, 2007.

ROCHA, L.L. **“Respeita as mina”**: o ensino do skate na educação física escolar. Orientadora: Maria Eleni Henrique da Silva. 2023. 186 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023.

SANCHES NETO, L. **Educação física escolar: uma proposta para o componente curricular da 5^a. à 8^a. série do ensino fundamental**. 2003, 189f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2003.

SOARES, C.L. **Educação Física raízes europeias e Brasil**. 5ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

TIMÓTEO, Í. A. **As questões de gênero na educação física escolar e a prática pedagógica de professoras e professoras do município de Maracanaú-CE**. 2019. 129f. - Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação, Fortaleza (CE), 2019.



Sobre a Autora

Liana Lima Rocha é Professora de Educação Física Efetiva na rede estadual do Ceará (2010). Doutora em Educação Brasileira Universidade Federal do Ceará (UFC) (2023). Mestra em Educação Brasileira UFC (2017). Graduada em Educação Física UFC(2009). Integrante do Grupo Saberes em Ação. Linhas de pesquisa/estudo: Educação Física Escolar; Práticas Corporais de Aventura; Gênero.



APOIO



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DO ESPORTE



Lei de Incentivo
ao Esporte do Ceará

**LÍDERES
ESPORTIVOS**

EMPODERA 
Transformação Social pelo Esporte



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO CEARÁ**

PATROCÍNIO

REALIZAÇÃO



**FUNDAÇÃO
DEMÓCRITO
ROCHA**